

A Psicanálise, o divã e os psicanalistas

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Li com prazer a matéria publicada no jornal “O GLOBO”, sábado, 31 de julho, com o título “O divã cai na real”. Trata-se de uma espécie de resenha a respeito da publicação dos trabalhos mais recentes do luminar psicanalista Joel Birman, reunidos num livro de sua autoria “Mal-estar na atualidade”. O prazer corre por conta do fato de que como psicanalista, assim como Birman, a muito diviso a importância do diálogo da psicanálise com os outros campos do saber e com a realidade, sobretudo a brasileira. Todos os meus trabalhos científicos, por excelência, estão no campo da psicanálise aplicada, ou seja, território do interesse que a ciência psicanalítica possui pelos assuntos humanos de um modo geral. Lembro que ela própria, a psicanálise, foi construída num berço da multidisciplinaridade, onde Freud foi buscar nos diversos campos do saber elementos para construir seu edifício teórico. O pai da psicanálise não podia ter sido mais explícito quando publicou um trabalho cujo o cerne era exatamente o tema em torno do qual gira a matéria jornalística.

No limiar do terceiro milênio muitos profissionais ligados a psicanálise já esqueceram, só para citar um simples exemplo, esse trabalho de 1913 cujo título é “O INTERESSE CIENTÍFICO DA PSICANÁLISE”. Nos diz Freud nesse trabalho: *“Não foi meu objetivo neste artigo colocar ante um público cientificamente orientado uma descrição do alcance e do conteúdo da psicanálise ou de suas hipóteses, problemas e descobertas. Meu objetivo terá sido atingido se eu tiver deixado claras as muitas esferas de conhecimento em que a psicanálise é de interesse e os numerosos vínculos que começou a forjar entre elas”*.

Esquecem muitos de nós que desde muito cedo teve Freud a convicção de estar desenvolvendo idéias que iriam extrapolar em muito o estudo da função psíquica para dizer respeito a campos como a literatura, criação artística por exemplo. Nos tão cedos e famosos encontros das quartas-feiras da Sociedade Psicológica já se expunha e se discutia de modo apaixonado temas sobre a aplicação da psicanálise na arte, literatura, mitologia, história, etc.. Saliento que a perspectiva histórica que nos fala Birman e que deve ser lembrada já se desenha muito cedo na psicanálise através da psichistória, ou seja, interpretação da história com o auxílio da psicanálise. Nos diz Ludwig Binswanger em 1909: *“Freud continua a considerar a psicanálise uma ciência total, o grande e novo meio de pesquisa que ele gostaria de ver aplicado à religião, à história e à arte”*. Freud comentou sobre “A interpretação dos sonhos” e sobre “Os chistes e sua relação com o inconsciente” que essas duas obras *“mostravam desde logo que os ensinamentos da psicanálise não podem restringir-se ao campo médico, mas são susceptíveis de se aplicar a outras diferentes ciências do espírito”*.

Libertando a psicanálise da tutela médico-psicológica e escapando ao simples registro do procedimento terapêutico, Freud fez questão de dar a esse objetivo consistência e legitimidade teórica e lembra nas “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise” que *“Devem resultar espontaneamente aplicações da psicanálise a numerosos campos do saber, em particular aos das ciências do espírito, aplicações estas que se impunham e exigiam ser elaboradas”*.

Tanto isso é proeminente que a psicanálise aplicada vai acabar por figurar em lugar de destaque na declaração dos objetivos da International Psychoanalytical Association (IPA) e gerar estratégias e recursos editoriais como a *Imago* fundada em 1912. E apesar de tudo isto, como sublinha Birman, até hoje a comunidade psicanalítica internacional resiste a pensar a psicanálise num contexto interdisciplinar, esquecendo muitos analistas o quanto a psicanálise com seu estatuto de disciplina científica completa se ocupou, principalmente na pessoa de seu criador, com tudo aquilo que diz respeito aos interesses da humanidade.

Quando Joel Birman aborda o que chama de novas subjetividades, onde assinala as relações que as pessoas vêm estabelecendo com o mundo e das quais os instrumentos mais tradicionais de análise não dariam conta e que parece ser um dos pontos cruciais de seu livro “Mal-estar na atualidade”, parece retomar de forma inspirada o que numa carta a Abraham em 04 de março de 1915, falando de seu ensaio “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” Freud qualificou “*DE CONVERSA DA ATUALIDADE*”.

Outro motivo de satisfação na leitura da matéria é que o Círculo Brasileiro de Estudos Psicanalíticos que Joel Birman juntamente com outros analistas pretendem criar cujo compromisso maior seria o de debater e discutir sobre temas relacionados com a realidade brasileira, guarda de certo modo a mesma filosofia das ações do que nós aqui em Petrópolis vimos desenvolvendo no nosso FÓRUM DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS desde abril de 1998 quando de sua fundação. Penso que iniciativas como essas não são novidades e sei que muitas pessoas gabaritadas vem desenvolvendo propostas similares. Se há algo de novo em nossas atitudes, esse algo reside na coragem e no esforço de redescobrir esse novo que é a psicanálise, afinal inventar é encontrar.

Acho sumamente importante, delicada e perigosa, além de muitas vezes necessária a relação da psicanálise com os meios de comunicação. No último Congresso Brasileiro de Psicanálise no Rio de Janeiro organizado pela Associação Brasileira de Psicanálise essa relação com a mídia foi largamente debatida. A Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) recebeu recentemente o Sociólogo Muniz Sodré que juntamente com o Psicanalista Wilson Chebabi vem estudando o tema mídia/psicanálise. A SBPRJ mantém reuniões quinzenais onde nos intitulados “Impasses da Psicanálise” vem se debatendo os rumos e as responsabilidades da ciência psicanalítica. O Instituto Cultural Freud reúne um grupo de psicanalistas que vem trabalhando com preocupações similares de interdisciplinaridade. Um movimento internacional iniciado em Paris, “Os Estados Gerais da Psicanálise”, discute de forma plena as questões éticas e as implicações da realidade do ofício psicanalítico. Isso demonstra o número expressivo de psicanalistas que vem contribuindo para revigorar o papel de ciência da humanidade que possui a psicanálise.

O que pretendo salientar é que o trato jornalístico de determinados temas como o da psicanálise podem, por mais bem intencionado que seja o agente da reportagem já que os mal intencionados não se deva considerar, podem provocar deturpações que confundem o público leitor, criando uma idéia negativa da psicanálise. Não que se tenha de defendê-la ou de poupá-la dos ataques que segundo Freud serão sempre inevitáveis e infundáveis - “*esse será o seu destino, ser resistida*” – mas simplesmente não tomar uma coisa por outra.

Não é a psicanálise que deve ser trazida de volta à realidade com que ela deve dialogar. Não é a psicanálise que tem perdido o bonde da história, que hoje a rigor não é mais bonde e sim o bólido da história, pois como afirmou o próprio

Birman modificou-se a relação do homem com o tempo. Não é a psicanálise que concebe seu discurso de forma alienada e também nunca esteve a psicanálise dissociada da perspectiva histórica. Não é tampouco a psicanálise uma das maiores responsáveis pela cultura do narcisismo que vemos hoje. A não ser que na matéria a que me referi psicanálise esteja sendo utilizado como sinônimo do movimento psicanalítico cristalizado nas suas instituições e seus representantes e não da disciplina fundada por Freud que inclui um sistema de pensamento que reivindicou o inconsciente e a sexualidade como dois grandes universais da subjetividade humana. Afinal não se pode considerar esses universais incompatíveis com a realidade - seja essa realidade brasileira, estrangeira, passada, presente ou futura - a título de se cometer um desatino.

Não conheço nenhum grupo de psicanalistas ou mesmo qualquer máfia psicanalítica com pretensões de domínio de mercado que por mais envolvidos que estejam em discussões iradas e vazias entre suas escolas, não se submeta a verdade dos grandes pilares da psicanálise: inconsciente, complexo de Édipo, resistência, transferência, recalque e a sexualidade. *“Quem não os aceita não deve incluir-se entre os psicanalistas”*, diria Freud em 1922.

Portanto que tem que cair na real não é o divã, strictu sensu apenas um instrumento técnico, e sim alguns daqueles entre nós que ficam “atrás dele”. A psicanálise assim como a filosofia, o direito, a história, a sociologia, a antropologia, entre outros campos do saber, reina soberana como patrimônio inalienável da humanidade. E, do mesmo modo que a filosofia não pertence aos filósofos, a psicanálise tão pouco é dos psicanalistas. Aberta está a todos aqueles que queiram beber de sua fonte. Fonte luminosa que brotou neste século pronto a se apagar mas cuja luz deverá continuar, dentro dos seus limites, a servir para iluminar os novos tempos, se firmando cada vez mais, a ciência psicanalítica, como um dos maiores acervos já conquistados do conhecimento.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).